

Tecendo sentidos



1

ENSINO MÉDIO
COMPONENTE CURRICULAR
LÍNGUA PORTUGUESA

Nathalia Mitsunari
Winola Weiss



Editora
da Hora

Unidade 1



Ver fotografias é uma atividade de recordação, que nos permite (re)viver o passado de alguma maneira. Por meio das fotos de álbuns de família, por exemplo, é possível reconstituir momentos de trajetórias de vida (como nascimento, batismo e casamento), reconhecer relações sociais (de pais, irmãos, filhos e amigos) e constatar efeitos da ação do tempo (como éramos, quais pessoas deixaram nossas vidas e quais novas surgiram). Mas as fotografias não são fonte de informação objetiva. Seus conteúdos visuais são representações, geram sentido a partir de um determinado enquadramento (que ao mesmo tempo que seleciona determinados objetos, exclui outros), de um determinado direcionamento de luz, de retoques dados pelo fotógrafo, etc. Como um documento histórico, a fotografia deve ser entendida como uma construção técnica e social, que possui um discurso específico sobre um determinado aspecto da realidade, fruto do contexto, das relações de forças sociais organizadas de sua época.

A foto acima, por exemplo, é um registro do culto ecumênico feito em 31 de outubro de 1975, em memória de Vladimir Herzog. O jornalista Vladimir Herzog

do macacão de presidiário que vestia, mas testemunhos de outros jornalistas presos com ele negaram essa versão. Sua morte, então, provocou a primeira grande reação popular contra a tortura, as prisões arbitrárias, o desrespeito aos direitos humanos da ditadura militar. De 8 a 10 mil pessoas compareceram a este culto ecumênico em homenagem a Vlado, como era conhecido, e a fotografia ao lado, tirada por um dos inúmeros repórteres jornalísticos presentes à manifestação, foi publicada pelo jornal O Estado de São Paulo em sua edição de 1 de novembro de 1975.

O que se propõe nesta unidade é, enfim, iniciar nossos estudos sobre a língua e a linguagem com uma concepção de texto: oral ou escrito, visual, verbal ou verbo-visual, o entenderemos como interpretações de determinados objetos, de determinadas esferas da atividade humana – das quais apenas alguns são autorizados a participar -, direcionadas a determinados interlocutores, o que implica um julgamento de quem eles são. Veremos, desse modo, no capítulo de Literatura desta unidade, o que são gêneros literários e o que os distingue entre si. Em Língua e linguagem estudaremos o que são variações linguísticas, como diferentes usos de mecanismos linguísticos criam

Capítulo 3

O depoimento

O movimento hip hop

“Você está entrando no mundo da informação, autoconhecimento, denúncia e diversão”
Racionais MC's

Os anos 70 foram um período conturbado em Nova York, sobretudo nas periferias. Os nova-iorquinos sofriam com recorrentes apagões e a violenta especulação imobiliária nos guetos, que incentivava incêndios criminosos para facilitar a venda de terrenos para grandes corporações. Nesse contexto, mais especificamente no Bronx, bairro de população majoritariamente negra e latina, nasceu a cultura hip hop. Esse movimento artístico, de forte cunho político, tinha, em um primeiro momento, expressões na música (rap), na dança (break) e nas artes plásticas (grafite). Com a disseminação de sua estética e de suas práticas, desenvolveu novas formas de manifestação ao redor dos Estados Unidos e no mundo, sobretudo nos países da diáspora africana. Ele é definido pelos hip hoppers como uma cultura essencialmente de rua, como uma arma que tem o poder de mover o sistema político e social.



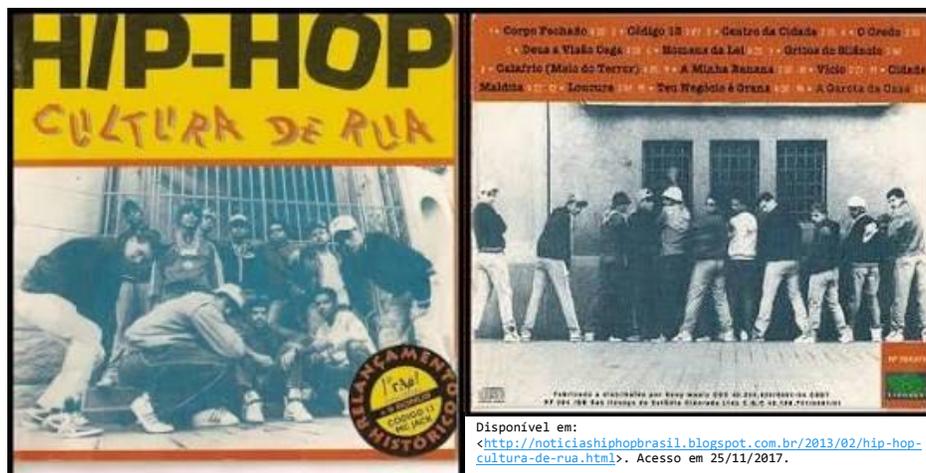
O grupo de bboys retratado na foto, Style Wars, foi um dos pioneiros na Nova York dos anos 70. Ao fundo, podemos ver os destroços de prédios incendiados. Disponível em: <<http://laweekly.com/film/in-the-beginning-hip-hop-at-the-movies-2155568>>. Acesso em 24/11/2017.

No Brasil dos anos 80, nas periferias, esses novos estilos artísticos eram progressivamente acolhidos. Na Praça Ramos, em frente ao Theatro Municipal de São Paulo, por exemplo, havia encontros recorrentes de Bboys (dançarinos de break) e rappers de diversas regiões da cidade. Devido a reclamações de lojistas da área, que alegavam que as aglomerações favoreciam furtos e roubos, no entanto, os grupos foram obrigados a se reorganizar em outros pontos da região, como a Praça Roosevelt e o Largo São Bento. A perseguição policial por motivos de classe e etnia era uma constante — e ainda é.

Apesar disso, muitos grupos musicais surgiram no final da década. Em 1988, foi lançado o primeiro registro fonográfico de Rap brasileiro pela gravadora Eldorado, a coletânea "Hip-Hop Cultura de Rua". Desse disco participaram Thaide & DJ Hum, MC DJ Jack, Código 13, entre outros grupos.

Em 1989, com o apoio da primeira gestão petista da prefeitura, foi criado o MH2OSP (Movimento Hip Hop Organizado), por iniciativa de Milton Salles, sócio do grupo Racionais MC's na época. O MH2OSP estruturou e organizou grupos de rap oriundos de facções que dançavam o break, com o objetivo de consolidar o hip hop como um movimento de música, de organização política, social e cultural da juventude negra brasileira.

Silenciados na vida cotidiana pelas autoridades, os rappers, por meio de suas narrativas orais, que se recusam a se ajustar a pensamentos políticos e ideológicos tradicionais, levam as favelas a um novo tipo de inserção social, não se ajustando a pensamentos políticos e ideológicos tradicionais, o que acaba causando um certo "desconforto" entre setores das elites políticas e intelectuais tradicionais.



Olhando para o texto

Em 2 de outubro de 1992, às véspera das eleições para a prefeitura de São Paulo, O Carandiru (o maior complexo penitenciário do país na época) foi palco do maior massacre da história dos presídios brasileiros. A arbitrariedade e a truculência da ação policial, além das tentativas de acobertamento das informações e da impunidade dos policiais geraram uma onda de protestos no país e no exterior.

O rap “Diário de um detento” (1997), de Mano Brown e Jocenir (sobrevivente do Massacre), narra a chacina sob a perspectiva de uma das vítimas, denunciando as péssimas condições dos presídios e a violência policial. A força da obra está, para muitos, na maneira como articula as relações entre a vida nas periferias e o cotidiano dos presídios brasileiros, dando visibilidade para o ponto de vista de sujeitos historicamente ignorados e marginalizados

Para escrever o rap, Mano Brown se inspirou no diário de Jocenir, que por sua vez, escrevia não apenas sobre suas próprias experiências, mas também transcrevia histórias de outros detentos. Seus

DIÁRIO DE UM DETENTO (RACIONAIS MC'S, 1997)

[...]

*De madrugada eu senti um calafrio
 Não era do vento, não era do frio
 Acerto de conta tem quase todo dia
 Tem outra logo mais, eu sabia
 Lealdade é o que todo preso tenta
 Conseguir a paz, de forma violenta
 Se um salafrário sacanear alguém
 leva ponto na cara igual Frankenstein
 Fumaça na janela, tem fogo na cela
 Fudeu, foi além, se pã, tem refém
 Na maioria, se deixou envolver
 Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder
 Dois ladrões considerados passaram a discutir
 Mas não imaginavam o que estaria por vir
 Traficantes, homicidas, estelionatários
 Uma maioria de moleque primário
 Era a brecha que o sistema queria
 Avise o IML, chegou o grande dia
 Depende do sim ou não de um só homem
 Que prefere ser neutro pelo telefone
 Ratatatá, caviar e champanhe
 Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!
 Cachorros assassino, gás lacrimogêneo
 Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!
 O ser humano é descartável no Brasil
 Como modess usado ou bombril
 Cadeia? Guarda o que o sistema não quis
 Esconde o que a novela não diz*

[...]

escritos circulavam pela prisão, eram lidos e comentados por muitos dos presidiários, tornando-se uma espécie de depoimento coletivo. Os textos foram organizados e publicados em 2001 pela Labortexto Editorial, sob o mesmo título do rap. O livro descreve detalhes da brutalidade vivida no cárcere, em celas imundas com vinte metros quadrados e tetos escuros, onde os detentos dormiam sentados ou pendurados em grades, com mantas encardidas, sarna e piolho, e comiam comidas azedas. “Um circo de horrores” é como define o autor.

COMPARE

Leia abaixo duas notícias sobre o massacre do Carandiru veiculadas por jornais impressos da época. Pergunte a pessoas mais velhas próximas a você, também, o que sabem sobre esse presídio e como sabem. Depois, assista ao filme “Carandiru” (2003), do diretor Héctor Babenco, ou leia o livro “Estação Carandiru” (1999), em que foi inspirado.

“Estação Carandiru” é um relato do médico Drauzio Varella - interrompido por seus interlocutores, “para que o leitor possa apreciar-lhes a fluência da linguagem, as figuras de estilo e as gírias que mais tarde ganham as ruas” -, que trabalhou voluntariamente no presídio Carandiru durante 10 anos, especialmente na prevenção da AIDS. O livro é um depoimento, sobretudo, sobre como um código penal não-escrito organizava o comportamento da população carcerária, e termina no massacre de 1992, em que, segundo os presos, foram “mais de 250 [mortos], contados os que saíram feridos e nunca retornaram”, apesar de a mídia na época alegar que foram muito menos.

Em grupo, compare esses diversos depoimentos. Reflita sobre como suas condições de produção e de circulação – quem deu o depoimento, para quem foi dado o depoimento, quem terá acesso ao depoimento e como terá acesso, em que época e onde se situam todos esses sujeitos, espacialmente e socialmente - interferiram nos temas que abordam, nos mecanismos de composição que utilizam e em seu estilo.

Oito mortos na Detenção



*Policia*l ferido é socorrido por colegas durante a rebelião no presídio do Carandiru

Pelo menos oito detentos morreram, vários foram hospitalizados e 15 policiais acabaram feridos ontem à tarde, numa verdadeira guerra travada entre os 2.060 presos do pavilhão nove da Casa de Detenção de São Paulo e mais de 500 soldados armados com metralhadoras e bombas. A confusão teve início com uma briga de gangues rivais, quando o assaltante e traficante Antônio Luis do Nascimento esfaqueou um presidiário. **PÁGINAS 17 e 18**

Diário Popular, 03/10/1992.
Disponível em:
<http://www.diariosp.com.br/midias/jpg/2017/09/28/dd2609carandiru_62-261890.jpg>.
Acesso em 24/11/2017.



Foi o maior massacre de presos da história do Brasil. A rebelião ocorrida sexta-feira na Casa de Detenção de São Paulo terminou com 111 detentos mortos e 130 feridos — 35 em estado grave. Iniciada logo após o almoço a partir de uma briga pelo poder entre duas quadrilhas no Pavilhão 9, a rebelião foi sufocada pela Polícia Militar, que entrou em confronto com os presos amotinados. De acordo com o comando da PM, os policiais foram recebidos a bala pelos detentos. O conflito durou meia hora, num ambiente escuro (a energia tinha sido cortada) e 32 policiais ficaram feridos. Mas a tensão continuou. À noite a tropa de choque voltou a entrar no presídio. Guardas penitenciários e parentes disseram ter ouvido tiros. A situação só foi totalmente controlada às 4 horas de ontem. O quadro encontrado pelos guardas penitenciários foi o de dezenas de corpos espalhados, presos gritando por socorro, muitos feridos na cabeça, nas costas ou no peito, canos arrebatados, água por todos os lados, fogo nos corredores e nas celas. Segundo o comando da PM, havia um preso carbonizado, alguns degolados e vários mortos a facadas, a pauladas e a tiros. Os corpos foram distribuídos por vários locais. O nervosismo tomou conta dos policiais. Nenhum dado oficial era transmitido, embora desde a madrugada circulassem informações dando conta de mais de cem mortos. Pela manhã, duas irmãs da Pastoral Carcerária, Isabel Oliveira e Maria Emilia Gomes Ferreira, saíram do presídio informando que a polícia tinha acabado de descobrir 13 corpos e que alguns estavam com as mãos para trás, metralhados. O número oficial só foi divulgado pelo secretário da Segurança, Pedro Franco de Campos, pouco antes das 17 horas, negando que a escolha do horário tivesse relação com o encerramento da votação. Antes ele havia almoçado no QG da PM. Massacre? “Usar a palavra massacre é prejudicar um fato que ainda está sendo apurado”, disse o secretário, acrescentando que a ação policial visa impedir uma fuga em massa do presídio. Ele afirmou que foram abertos dois inquéritos: um sobre a rebelião e um Inquérito Policial Militar para apurar se houve excessos por parte da polícia. O governador Luiz Antônio Fleury Filho justificou a invasão. “Na verdade o que havia lá dentro era um confronto de quadrilhas muito bem armadas”, disse. “Se a ação foi correta ou se houve excessos, isso será devidamente apurado.” A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) constituiu uma comissão para acompanhar as investigações. A Comissão Teotônio Vilela de Direitos Humanos quer que o Estado responda na Justiça pelas mortes.

O Estado de S. Paulo, 04/10/1992. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/blogs/arquivo/wp-content/uploads/sites/75/2011/05/1992.10.04PAG.jpg>.> Acesso em 24/11/2017.



O GÊNERO

O depoimento é uma narrativa oral, escrita ou visual que se origina na vida cotidiana. Contamos nossas experiências particulares oralmente, por meio da escrita ou por meio de fotografias nas redes sociais, por exemplo. Na esfera jornalística, conta-se o que se viu e o que se viveu em entrevistas, reportagens e documentários. Quem depõe, a quem depõe e em que circunstâncias depõe têm influência sobre o que será dito e como será dado o depoimento. Pense, por exemplo, como, em um caso extremo, a repressão na época da ditadura militar fazia com que em depoimentos feitos às autoridades, algumas mentiras fossem ditas e outras verdades fossem ocultadas. Ou como se escreve de maneira diferente e sobre diferentes assuntos nas redes sociais na presença e na ausência de pais e professores.

O depoimento é um texto narrativo não ficcional produzido em primeira pessoa (do singular ou do plural). Como exige uma certa visão do todo do acontecimento para ser produzido, o texto narrativo não ficcional, assim como o ficcional, tem como característica um certo distanciamento do fato – o que não quer dizer que não há julgamentos de valor (lembre-se, afinal de contas, que nenhuma narrativa é imparcial – escolhe-se determinados acontecimentos e objetos, e não outros, para narrar e narra-se de determinada maneira, e não de outra). O que é expresso não apenas pela presença de datas e de expressões de tempo, de conectivos que indicam tempo, causa e consequência e de tempos verbais, cria esta sequência temporal retrospectiva.

As motivações sociais de um depoimento podem ser várias - podem estar mais ou menos atreladas a um desejo de compartilhar uma boa ou uma má experiência, de preservar e/ou resgatar a memória de um grupo, de registrar o testemunho de uma verdade (dentre várias possíveis) sobre um dado acontecimento. De qualquer maneira, estão atreladas ao pertencimento a uma época, a um lugar, a uma determinada instituição.

OBSERVE



Júlia
5 de fevereiro de 2016 · São Paulo ·

Seguir

O Carnaval começou com uma dose cavalari de silenciamento. Senta que lá vem textão.

Ontem à noite, eu e meus amigos tivemos a infelicidade de ir parar no Bar Quitandinha, na Vila Madalena. Sentamos em um mesão com nossos amigos homens e só eu e a Isabella de mulher. Bebemos algumas durante umas horas, até que todos os homens resolveram se levantar para ir fumar ao mesmo tempo. Absolutamente normal. Eu e ela continuamos sentadas, batendo papo.

E, no intervalo de 5 minutos sem a escolta masculina, um absurdo aconteceu.

Dois caras se sentaram na nossa mesa de forma extremamente desrespeitosa. Puxaram a cadeira e se acomodaram, sem nenhum tipo de convite ou abertura. Tentaram puxar papo insistentemente, enquanto nós desconversávamos, bastante incomodadas. Um deles achou conveniente se servir da nossa cerveja. Obviamente indignadas com a situação, pedimos para que ele não fizesse isso e deixasse a mesa. Ele ignorou e seguiu fazendo o que bem entendesse. Chamamos o garçom e pedimos para ele afastar os caras, que, a esse ponto, já estavam perdendo a linha. Nada – nada - foi feito.

Enquanto eu e a minha amiga tentávamos ignorar os dois trogloditas, eles resolveram partir para o contato físico, já que uma conversinha amigável não estava adiantando. Um deles puxou meu braço. Pedi para ele não tocar em mim. E aí, meu amigo, imagina um cara que ficou puto. Como assim eu não posso tocar numa mulher que tá sentada sozinha? Eles se levantaram da mesa e começaram a nos xingar dos piores nomes da face da terra. "Putá e "lixo" foram dos mais leves. Disseram que não queriam nos tocar mesmo, já que somos feias, gordas e escrotas. Que eles tinham tanto dinheiro (?) que poderiam até nos comprar, se eles quisessem. É. Esse tipo de babaca.

O garçom chegou com o gerente no meio da discussão. Ah! Esses daí vão ajudar a gente, pensamos. Até parece. Eles deram um cumprimento caloroso nos dois assediadores – clientes da casa há 10 anos, reforçaram inúmeras vezes, para tirar a nossa credibilidade. E, ao invés de retirar os caras, o segurança nos retirou, de forma bruta. Sim. As duas meninas que estavam sentadas na mesa tomando conta das nossas próprias vidas. Nesse ponto, nossos amigos homens já tinham voltado e estavam tentando convencer a equipe do bar de que a culpa não era nossa, também em vão, também indignados com tudo.

Saimos e o gerente veio conversar conosco. Aliás, conversar não, dar mais um dose de humilhação. Enquanto minha amiga tentava explicar o absurdo que tinha acontecido, o tal gerente não a olhou nos olhos nenhuma vez e bufava com desprezo. Quando resolveu falar, disse que, se não houve agressão física (que aliás, mais tarde, descobri roxos e cortes nos meus braços, adquiridos no momento em que o lindo me segurou para me xingar), não poderia fazer nada. Que os dois indivíduos que nos assediaram eram clientes e não iriam lidar com as nossas acusações.

Enquanto tudo isso acontecia, a dupla ficou lá dentro, tranquila, sendo servida como príncipes. Olhavam para trás entre um gole e outro para rir mais um pouquinho da nossa cara e nos mostrar o dedo do meio.

A polícia chegou. Ufa, quem sabe agora vai nos escutar? Pff. Não dá pra fazer nada não, moça. Se você quiser, vai ter que ir até a putaqueopariu fazer um BO junto com os seus agressores. Tudo o que você precisa ouvir em um momento traumático e sem nenhum suporte.

Um dos agressores finalmente saiu do bar para falar com a polícia. E a cena foi a seguinte: ele e o policial se cumprimentaram com um toque íntimo de mão e algumas risadas. Apontaram para nós, nos chamaram de histéricas, e retornou para sentar dentro do bar com seu amigo. Tranquilo. Suave.

Tudo isso aconteceu diante dos nossos olhos ardendo de chorar de impotência e raiva. Nenhum grito foi suficiente para ser ouvida: nem pelos dois caras, nem pela equipe do bar, nem pela polícia. Ninguém saiu perdendo, só nós: as mulheres, vítimas daquela merda toda.

#vamosfazerumescândalo

EDIT: Essa é a página do bar. Sintam-se à vontade para dizer para eles o que vocês pensam. <https://www.facebook.com/Quitandinha-Bar-339947812719370/>

Curtir

Compartilhar

 e outras 139 mil pessoas

Por que os nossos colaboradores gostam de trabalhar para a Geistlich?

Geistlich como empregador

Por dentro da Geistlich

Empregos

Todo o mundo tem sua própria ideia de qual será um ambiente de trabalho positivo e o que significa para cada um pessoalmente fazer carreira. Para nós, é importante que nossos colaboradores reconheçam seu potencial e possam desenvolvê-lo. Por isso, existem imensas possibilidades para você desenvolver a sua carreira na Geistlich. Leia você mesmo por quê os nossos colaboradores gostam de trabalhar para a Geistlich.

Valéria Roma, Gerente de Contas

6/10



"Um dia você acorda e recebe a notícia que fará parte de uma nova família, onde existem pessoas que você admira e que a partir de então poderá aprender com essas pessoas. Sua nova família te acolhe, te ensina, te motiva, te dá novos desafios e assim mostra que acredita em você, transformando nossa relação numa via de mão dupla.

Você então vive seus dias, por mais difíceis que sejam, por mais problemas que apareçam sob o ditado que diz "Se você fizer o que gosta, correrá o risco de não ter de trabalhar nenhum dia de sua vida". Amo meu trabalho, Admiro onde trabalho".

Seção "Depoimentos entusiasmados de nossos funcionários" do site da empresa Geistlich. Disponível em: <<https://www.geistlich.com.br/pt/quem-somos/empregos-carreiras/por-dentro-da-geistlich/>>. Acesso em 27/11/2017.

O primeiro depoimento foi encontrado na página pessoal de Isabela na rede social *Facebook*. Na época de sua publicação, milhares de pessoas se sensibilizaram com o acontecido e organizaram um boicote ao estabelecimento denunciado na mesma rede social. O movimento cresceu tanto que inúmeros portais de notícias reportaram o caso.

O segundo depoimento foi encontrado na seção “Por dentro da Geistlich” do site da mesma empresa. A Geistlich é uma empresa suíça do ramo farmacêutico recém chegada no Brasil - abriu em 2010, sua primeira filial na cidade de São Paulo. Produz cosméticos e medicamentos, mas seu maior foco é em desenvolver biomateriais para a medicina e a ortodontia especializadas em regeneração de ossos e tecidos.

1. Como se organizam os acontecimentos em cada um desses textos? Destaque, em seu livro didático, expressões de tempo e conectivos que indicam tempo, causa e consequência que criam suas sequências temporais para te ajudar.
2. Para quem foi escrito cada um dos depoimentos?
3. Quais são as motivações sociais dos depoimentos acima?
4. Observe os pronomes e os tempos verbais utilizados em cada um desses depoimentos: o uso do presente, ao invés do passado, no segundo depoimento, e de “você”, ao invés de “eu”, cria que efeito de sentido?

ATENÇÃO!

No dia a dia, muitas vezes, o depoimento oral é retextualizado em um texto escrito (como quando um aluno faz anotações do que seu professor lhe diz) e o depoimento escrito é retextualizado em texto oral (como quando contamos a um amigo sobre alguma notícia que lemos na internet). Também o que é visual se torna oral ou escrito e vice-versa (pense nos comentários que fazemos com amigos sobre uma série de TV e em legendas que acompanham fotos, respectivamente).

Esses processos de reformulação subentendem uma relação do autor transformador com o primeiro texto e seu autor. A depender dos julgamentos que deles faz, o autor transformador elimina aspectos do primeiro texto, acrescenta-lhes outros e o

reordena. Também a passagem de um suporte a outro - pelo público que alcança, pelos recursos (orais, escritos, visuais) que oferece - pode coagir o autor transformador a fazer algumas modificações no primeiro texto, que inevitavelmente, alteram o seu sentido. Pense, por exemplo, na impossibilidade de trazeremos a você um depoimento em vídeo neste livro didático. Se o trouxéssemos em forma de texto, inevitavelmente, perderíamos as expressões faciais de quem depõe, as nuances em sua voz, tudo isso que nos ajuda a interpretar o que diz.

Praticando o gênero

Considerando que o gênero depoimento:

1. É construído a partir de um determinado ponto de vista sobre um determinado assunto, sobre um determinado acontecimento polêmico (um depoimento sobre uma verdade consensual se faz necessário?), expresso em categorias orais, verbais ou visuais (lembre-se que a presença de umas não necessariamente exclui a presença de outras);
2. É veiculado em um determinado suporte (jornal impresso, telejornal, rede social - cada uma em sua particularidade), que ao mesmo tempo que o oferece determinados recursos, o priva de outros;
3. É dado por alguém e a alguém (que é não só um entrevistador, por exemplo, mas todo o público que o suporte em que o depoimento será veiculado permitirá alcançar), e esses sujeitos influenciam no que será dito e como será dito;

Produza um depoimento, em grupo, que seria recolhido pelo Museu da Pessoa.



Museu da Pessoa **25** anos

Conte sua **HISTÓRIA** Monte sua **COLEÇÃO** Como **APOIAR**



Todos ▼ Buscar por

Busca avançada

Apresentação Conte sua História

Através do portal você pode enviar suas histórias para o acervo do Museu da Pessoa. Além de texto, você pode incluir imagens e vídeos para enriquecer sua narrativa. Assim sua história fica preservada em nosso acervo, podendo ser compartilhada e pesquisada.

COMO CONTAR UMA HISTÓRIA

- Uma boa história é bem diferente de um bom relatório. História bem contada tem clima, tensão, ritmo, revelações. Tente não contar o fato de um jeito linear, previsível e sem emoção.
- Antes de contar a história, confirme se ela tem começo, meio e fim. Geralmente, o começo introduz o assunto; o meio desenvolve a história; e o final apresenta alguma conclusão.
- Perguntas descritivas e de movimento ajudam a contar uma história, por exemplo: Como era tal lugar? O que você fez depois que saiu de casa?
- Não esqueça de incluir tags (palavras-chave) relacionadas ao relato. (ex. cartas, infância, namoro à distância, telegramas, etc).
- Você poderá adicionar fotos relacionadas a sua história e/ou vídeo. Fotos deverão conter no máximo 1 Mb e sua publicação é de responsabilidade do autor. Já o vídeo deverá ser inserido através de link do youtube. Para isso é necessário que seja feito um upload do vídeo no site www.youtube.com.

ENTÃO, MÃOS À OBRA!

Para enviar histórias você precisa estar cadastrado e logado no portal. Clique no botão abaixo para realizar seu login.

CONTE SUA HISTÓRIA

Escolha um acontecimento relevante na história de sua escola, de seu bairro, de sua cidade ou do país que você tenha testemunhado de alguma maneira (o que não implica, necessariamente, a sua presença física em um determinado lugar em um determinado momento — pode-se testemunhar um evento através de notícias veiculadas na mídia, pela discussão com familiares, amigos ou pela memória que uma pessoa mais velha que faz parte de sua história compartilhou com você). Relembre a sequência dos fatos e de que maneira eles se deram. A partir disso, e considerando as orientações dadas pelo Museu da Pessoa, elabore um depoimento que expresse a sua percepção desse fato histórico e que sensibilize outras pessoas.

Antes de redigir ou gravar seu depoimento, planeje seu texto:

1. Selecione os fatos que você trará para compor a sua percepção do acontecimento em questão — nem todos serão interessantes para a composição do seu ponto de vista;
2. Ordene-os de uma determinada maneira, que pode ser cronológica ou não, a depender de seus objetivos com a narrativa — começando pelo fim, por exemplo, você poderá envolver o seu interlocutor com um clima de mistério; seguindo a sequência cronológica, é possível simular um certo distanciamento dos fatos, sugerindo uma objetividade.

Caso você escolha escrever o seu depoimento, lembre-se de dar atenção às expressões de tempo, aos conectivos que indicam tempo, causa e consequência e aos tempos verbais, que criarão sua sequência temporal retrospectiva, com efeitos de proximidade ou distanciamento dos fatos e de seu interlocutor. Se você for gravar o seu depoimento, o direcionamento de seu olhar, a sua postura corporal, a sua gestualidade e a entonação de sua voz poderão criar proximidade ou distanciamento dos fatos e de seu interlocutor. Tanto no depoimento escrito quanto no depoimento

em vídeo, é possível trazer fotos que o auxiliem na construção de seu discurso. Em vídeo, é possível se valer ainda de outros recursos, como música, cenário (revisitando locais significativos para a sua narrativa), figurino (trazendo trajes e acessórios que compuseram sua história).

Não se esqueça de reler seu texto atento a questões ortográficas e gramaticais (lembre-se do que discutimos sobre variação linguística e adequação ao registro no capítulo 2). Você e seus colegas também podem trocar opiniões sobre suas produções. Um olhar de fora pode ser interessante para perceber opacidades em seu texto. Além disso, você pode encontrar alternativas ou soluções para suas dificuldades na redação.

VISITE

www.museudapessoa.net

NEWSLETTER CADASTRE-SE LOGIN

Museu da
Pessoa **25** anos

Conte sua **HISTÓRIA** Monte sua **COLEÇÃO** Como **APOIAR**

História



O Museu da Pessoa foi fundado em São Paulo, em 1991, com o objetivo de constituir uma Rede Internacional de Histórias de Vida. Desde o início, ainda antes da popularização da Internet, nos definíamos como um museu virtual. Naquele momento entendíamos que o Museu da Pessoa seria um espaço para registrar, preservar e disseminar histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade.

As narrativas, organizadas em uma base digital, serviriam para contribuir com a criação de diferentes perspectivas da nossa sociedade. Conhecer – por meio da escuta ou da leitura – um grupo de histórias de vida é uma maneira de expandir nossa visão do mundo, pois elas são uma peça de informação única, que nos mostra como as diferentes pessoas criam suas próprias realidades.

A crença no poder das histórias permeou toda a trajetória do Museu da Pessoa. Uma história que pode ser dividida em quatro grandes fases, que representam como essa ideia foi se transformando ao longo do tempo.

BIBLIOGRAFIA

Produção de texto

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Org., Trad., posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Encontros entre prática de pesquisa e ensino: oralidade e letramento no ensino da escrita. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 625-648, jul./dez. 2010.

_____. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. *Revista da ABRALIN*, v. especial, p.333-356, 2011.

_____. Bases teóricas para o ensino da escrita. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.13, n. 3, p. 481-513, set./dez. 2013.